

DAS FACULDADES CAMPINEIRAS DE ONTEM À PUC DE HOJE

Dom Amaury CASTANHO

AS ORIGENS

No ano de 1941 Dom Francisco de Campos Barreto, 2º Bispo de Campinas, em histórica decisão convocou o então Cônego Dr. Emílio José Salim para organizar na “Princesa do Oeste” uma Escola Superior católica. Era, sem, uma ousadia, um sonho.

Não havia em qualquer cidade do interior do Estado de São Paulo e, com toda certeza, fora de uma Capital brasileira, uma Escola de 3º grau mantida pela Igreja. A Universidade de São Paulo, USP, dava os seus primeiros passos na década de 30, despontando como a maior das Universidades oficiais do Brasil. Na altura da década de 40, já contava com várias Faculdades, todas porém, na cidade de São Paulo.

Apenas na cidade do Rio de Janeiro, então ainda Capital da República, o genial e santo jesuíta Padre Leonel Franca, respeitado pensador e escritor, incentivado pelo clarividente Cardeal Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, falecido em 1942, organizava as primeiras Faculdades da primeira Universidade Católica do Brasil, a hoje conceituada e respeitada Pontifícia Universidade Católica carioca.

Campinas se transformava, assim, no segundo incipiente Centro Universitário Católico do Brasil. Monsenhor Salim era, sem dúvida, providencialmente, o homem certo para o lugar certo. Somente Deus sabe das sacrificadas idas e vindas do incansável Cônego Salim ao Ministério de Educação e Cultura, então com sua sede no Rio de Janeiro. Ali ele sempre contou com o acolhimento de

todos e a colaboração leal do Dr. Jurandir Lodi, alto funcionário do MEC. Seu prestígio de sacerdote e educador lhe abriam todas as portas.

O depois Monsenhor Salim nascera em Sousas, distrito de Campinas. Ordenado Presbítero em Roma e Doutor em Teologia, sempre esteve envolvido em instituições culturais e educacionais. Entre elas foi ativo participante das atividades do Centro de Ciências e Artes de Campinas onde, ao que consta, já no ano de 1940 se discutia sobre a possibilidade de uma Escola Superior na cidade. O eminente sacerdote foi, sucessivamente, Reitor do Seminário Diocesano, do Ginásio e Colégio Diocesano “Santa Maria”. Distinguiu-se por sua vivência de educador, responsável por essas conceituadas instituições campineiras. Estava, pois, credenciado para desincumbir-se com êxito da missão que lhe confiava, em 1941, Dom Francisco de Campos Barreto, zeloso Pastor, homem sempre aberto à cultura, empenhado na educação cristã da juventude.

Monsenhor Salim, em seus 65 anos de vida, acabou conhecido como “Semeador de Faculdades”. Além das seis Faculdades que organizou na cidade de Campinas, deu generosamente a sua assessoria à organização de várias outras em São Paulo, Curitiba, Goiânia e Sorocaba. Seu nome está ligado às origens de 22 Faculdades católicas, embrião de cinco Universidades.

A MANTENEDORA

Durante o ano de 1941 foram dados os primeiros passos exigidos pela legislação, para o efetivo funcionamento já em 1942, da sonhada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas. Constituiu-se a Sociedade Campineira de Educação e Instrução, Mantenedora responsável por essa e outras Faculdades futuras que, logo mais, iriam integrar as “Faculdades Campineiras”. Surgiriam, ainda na década de 40, as Faculdades de Biblioteconomia, Ciências Econômicas e Administrativas e a Escola Superior de Canto Orfeônico. Mais adiante começariam a funcionar, também, as conceituadas Faculdades de Direito e Odontologia, o que obteve para a instituição, por Decreto da Presidência da República, a constituição no ano de 1956 da “Universidade Católica de Campinas”.

OS COLABORADORES

Mas retornemos às origens das “Faculdades Campineiras”. Monsenhor Dr. Emílio José Salim cercou-se de colaboradores competentes como então Cônego Agnelo Rossi, eleito Bispo Diocesano de Barra do Piraí em 1956, promovido a Arcebispo Metropolitano de Ribeirão Preto em 1966 e, já em 1968, Cardeal Arcebispo de São Paulo. Foi ele, sem dúvida, durante anos, o braço direito do fundador das várias “Faculdades Campineiras”, Monsenhor Salim, primeiro Reitor da recém-criada “Universidade Católica de Campinas”. Vieram somar-se ao exemplar empenho de ambos na década de 50, os Cônegos Tomás Vaquero e Amaury Castanho e os Padres Roberto Pinarello de Almeida e Narciso Ehrenberg.

AS NOVAS FACULDADES E CURSOS

Desde 1942, funcionaram, regularmente, o seguintes Cursos integrados na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras: Filosofia e Pedagogia, Matemática, Geografia e História, Letras Clássicas, Latinas e Anglo-Germânicas. Os universitários, com absoluta predominância de moças, procedentes de todo o Estado de São Paulo, Sul de Minas Gerais e Norte do Paraná, sempre deram não apenas ao tradicional e simpático Pátio do Leões, ao corredores de amplas salas do Solar do Barão mas, também, à cidade de Campinas um colorido todo especial. As moças com seu distinto uniforme – saia bordô e blusa branca –, sob o qual desapareciam todas as diferenças sociais. Pouco a pouco, multiplicaram-se aqui e ali, vários Pensionatos Universitários para elas e também para universitários. O maior desses pensionatos tinha a sua sede na tradicional Rua Culto à Ciência, confiado primeiro a distinta Senhora e, logo depois ao Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado.

Sucederam-se uma após outra várias Faculdades ou Cursos, na seguinte ordem: Biblioteconomia, Canto Orfeônico, Ciências Econômicas e Administrativas, Direito e Odontologia, durante a vida de Monsenhor Salim. Após o seu prematuro falecimento em Maio de 1968, a PUC teria, também as suas Faculdades de Engenharia e Medicina, desdobrando-se os vários cursos da primeira Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, aos quais foram acrescentados os de Psicologia e Ciências Sociais em 1963, em Institutos autônomos.

CORPO DOCENTE

O dinâmico fundador das “Faculdades Campineiras”, já em 1942, conseguiu constituir um numeroso e qualificado Corpo Docente. Era da cidade de Campinas ou vinham de São Paulo, uma e até duas vezes por semana para lecionarem nos vários cursos. Lembro saudoso, entre outros, os seguintes, além do Monsenhor Salim e do Cônego Rossi: Higino Aliandro, Hilton Federici, irmã Maria Carvalho de Jesus, Bráulio Sanches Sãens, Benedito M. Sampaio, Jorge Raeders, Max Kaufman, Armando Foá, Enzo Azzi, Odilon Nogueira de Matos, Antônio Raia e outros. Entre eles a maioria, como seria de se esperar, de fé católica. Mas a largueza cultural de Monsenhor Salim não titubeou na contratação de diversos competentes professores não-católicos e até mesmo não-cristãos, respeitados pelos seus alunos e que jamais criaram qualquer problema para a instituição.

O ambiente universitário na década de 40 até 1960, foi o melhor possível. A juventude Universitária Católica tinha o então Cônego Agnelo Rossi como seu Assistente Eclesiástico. Reunia as mais qualificadas lideranças das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e, posteriormente, das de Direito e Odontologia. Os numerosos “jucistas” lideravam as mais importantes iniciativas de sentido evangelizador e, também, cultural e de lazer no ambiente das Faculdades e na cidade de Campinas. Estão, ainda, na memória dos poucos professores e funcionários da década de 40, ainda vivos, dos mais de 100 mil ex-alunos de hoje a lembrança das concorridas e festivas Páscoas Universitárias, no Pátio dos Leões, das solenes aulas inaugurais, dos numerosos cursos e palestras.

MONSENHOR SALIM E A PUC DE SÃO PAULO

Simultaneamente, também, no mesmo ano de 1943, Monsenhor Dr. Emílio José Salim organizava, a pedido do Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, novo Arcebispo de São Paulo, as primeiras Faculdades da Universidade Católica da capital bandeirante. Ele, como seu Vice-Reitor, sempre esteve em exercício, pois Dom Gastão Liberal Pinto, Bispo de São Carlos e, posteriormente, Dom Paulo de Tarso Campos, Bispo de Campinas, primeiros Reitores, na

realidade, por terem as suas Dioceses não puderam exercer, efetivamente, os seus altos cargos. Praticamente o Monsenhor Salim estava sempre em viagem entre Campinas, São Paulo e Rio Janeiro, a serviço das duas Universidades, à busca de verbas oficiais para mantê-las, pesando o mínimo possível sobre os numerosos universitários sem recursos, bolsistas, semi-bolsistas ou freqüentando os mais diversos Cursos, dispensados de quaisquer taxas.

SURGE A UNIVERSIDADE CATÓLICA

A primeira das Faculdades precedeu a organização de outras, como se escreveu acima. Esse fato tornou possível pleitear para as várias Faculdades junto do Ministério de Educação e Cultura o título de Universidade. Estive presente na solene e histórica Aula Inaugural em princípio de março de 1956, quando no teatro Municipal “Carlos Gomes” de Campinas, lamentavelmente demolido, foi instalada a Universidade Católica de Campinas. À Mesa de Presidência encontravam-se, além do Nuncio Apostólico no Brasil, Dom Bento Aloísio Masela, o Arcebispo Dom Paulo de Tarso Campos, as mais altas Autoridades de Campinas, o fundador das “Faculdades Campineiras” Monsenhor Salim, o Vice-Diretor Cônego Agnelo Rossi e o responsável pela Aula Inaugural historiador e acadêmico Dr. Pedro Calmon. Quase todo o numeroso Corpo Docente, centenas de alegres universitários e pessoas gradadas da sociedade campineira, lotavam o histórico Teatro.

Para surpresa de todos, tomando a palavra o Nuncio Apostólico tornou pública, naquele dia, a elevação ao episcopado, como Bispo Diocesano de Barra do Piraí, a pessoa do Cônego Agnelo Rossi. Apenas nomeado Vice-Reitor da nova Universidade, nem mesmo pôde assumir o seu novo honroso e merecido cargo acadêmico. Aplausos gerais acolheram a notícia do conhecido Sacerdote em todo o Brasil pelos seus livros e conhecimentos especializados sobre Protestantismo, pois estivera à frente do Secretariado para a Defesa da Fé, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A interessante palestra do Dr. Pedro Calmon foi brilhante, lembrando o papel da Igreja na organização das primeiras grandes Universidades mediaevais, falando sobre igreja e cultura. A solene sessão de instalação da Universidade Católica de Campinas transformava-se, sem dúvida, no mais importante acontecimento cultural da cidade.

TENSÕES NA INSTITUIÇÃO

Lá pelo ano de 1960, o ambiente na Universidade Católica de Campinas começava a tornar-se tempestuoso. Alguns líderes JUC e dirigentes de vários Centros Acadêmicos, deslocavam-se para posições político-ideológicas de “esquerda”, integrando-se na Ação Popular, de conotação claramente marxista. O Movimento Revolucionário de 1964 fez sentir, pesadamente, a mão dos militares agora no poder, indiciando em inquéritos policiais e prendendo a vários universitários. O Reitor Monsenhor Emílio José Salim, e o então Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Cônego Amaury Castanho, como é público e de justiça recordar, empenharam-se a fundo na defesa desses líderes universitários, livrando-os da ameaça de prisão.

Na altura do ano de 1968, a situação interna na Universidade Católica de Campinas tornou-se extremamente tensa. Pequeno grupo de professores, especialmente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e vários líderes acadêmicos, entre eles “ex-jucistas”, somaram forças, iniciando uma luta interna pelo poder. Aparentemente constava desejarem uma ampla reforma universitária, que descentralizasse os “poderes do Reitor”. A agitação nos meios universitários foi generalizada tanto na Europa quanto na América e no Brasil. O Governo militar, então exercido pelo General Arthur da Costa e Silva, assinou em 1968 o Ato Institucional n.º 5 e o Decreto 477, que caíram como um raio sobre universitários marxistas e professores insatisfeitos, cortando pela raiz a sua ação no mundo universitário. Vários professores foram demitidos de suas Cátedras, o Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Vice-Reitor demitiu-se e alguns líderes de Centros Acadêmicos passaram à clandestinidade. Os acontecimentos culminaram na morte prematura, por infarto, em maio de 1968, do fundador e primeiro Reitor da Universidade Católica Monsenhor Dr. Emílio José Salim. As injustiças e os protestos, os abaixo-assinados e as ameaças, o tendencioso noticiário nos jornais de Campinas o levaram à morte. Campinas, poucas vezes, viu um féretro e sepultamento tão concorrido e emotivo. A Universidade ficava órfã, perdendo seu fundador e pai. A cidade perdia o seu maior educador. A Igreja de Campinas e do Brasil um dos seus mais dotados sacerdotes...

LEIGOS NA REITORIA

Os atos do regime militar lembrados acima facilitaram o encaminhamento e a superação dos graves problemas internos da instituição, pelo primeiro Reitor leigo, o Promotor Público Dr. José Benedito Barreto Fonseca, respeitado jurista e católico de tradicional família campineira. Durante o seu mandato, no ano de 1971, a Santa Sé concedia à Universidade Católica de Campinas, o título de “Pontificia”. Era a terceira no Brasil a contar com essa honraria. Como “Pontificia” o Arcebispo Metropolitano de Campinas passava a ser o seu grande Chanceler e o Reitor aprovado pela Sé Apostólica de Roma.

Terminado o seu mandato, Dr. Benedito José Barreto Fonseca foi substituído na Reitoria da PUC pelo Dr. Heitor Regina, conceituado advogado e católico militante, primeiro ex-aluno a assumir tão elevado cargo acadêmico. Por dois mandatos sucedeu-o, nos anos de 1985 a 1993, o engenheiro Dr. Eduardo Coelho e, em seguida, o professor Gilberto Moraes Selber, também ex-aluno. No ano de 1997 foi escolhido pelo Chanceler Dom Gilberto Pereira Lopes, de lista sêxtupla apresentada pelo Conselho Universitário, o Padre Benedito de Almeida David, vindo, assim, a instituição a ter novamente à sua frente, um qualificado sacerdote, procedente do clero diocesano de São João da Boa Vista mas, há anos, integrando no Corpo Docente e Administrativo da instituição.

A BOA SEMENTE... O FUTURO

Foi, sem dúvida, longo e abençoado por Deus o caminho percorrido pelas “Faculdades Campineiras” do ano de 1942 quando surgiu, até os dias de hoje. A pequena semente caiu na boa terra das Campinas do Mato Grosso, transformando-se em árvore frondosa da “Princesa do Oeste”, a pujante metrópole de hoje, já com os seus mais de 1 milhão de habitantes.

A PUC de Campinas, dado o número e o nível dos numerosos Cursos por ela mantidos tornou-se, já na década de 70, a maior das Universidades Católicas do Brasil, nos dias de hoje, com seus 18 mil universitários e 2,5 mil alunos do seu Colégio de Aplicação “Pio XII”, um dos maiores da cidade de Campinas. Nesta altura de sua existência, a PUC de Campinas teve momentos difíceis na área

financeira, especialmente depois da organização de sua Faculdade de Medicina e aquisição do Hospital Piero para seu Hospital de Clínicas. Veio-lhe em socorro o Instituto para Obras Religiosas do Vaticano.

No ano de 1992 reuniram-se em solene Missa de Ação de Graças, comemorando o cinquentenário de sua Formatura, os professores e professoras da primeira turma da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Em 1996, quando se formava o 100.000º ex-aluno da instituição, nova Eucaristia de Ação de Graças era celebrada pelo remanescente dos primeiros anos das “Faculdades Campineiras”, o hoje Bispo Diocesano de Jundiáí, Dom Amaury Castanho. Partiram, um após outro, para o encontro com Deus o fundador Monsenhor Dr. Emílio José Salim, o primeiro Vice-Reitor Cardeal Dom Agnelo Rossi, o seu sucessor da Direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Dom Tomás Vaquero. O inconfundível e competente Padre Narciso Erhemberg havia sido covardemente assassinado, retornando certa noite de suas aulas, emboscado por menor criminoso...

A PUC de Campinas, ao lado da UNICAMP, oficial e bem mais nova, continua honrando o seu passado. Dos seus bancos saíram Prefeitos de Campinas e outras cidades, um Governador do Estado, respeitadas diplomatas e juristas, empresários e professores, engenheiros e odontólogos, psicólogos, fonoaudiólogos e milhares de outros qualificados profissionais espalhados por vários Estados do Brasil e até mesmo no Exterior. Todos fazemos votos para que no Terceiro Milênio que se aproxima, a instituição continue fiel às suas origens católicas. Que a PUC de hoje continue preparando para a cidade de Campinas e a Pátria, os homens e mulheres competentes e comprometidos com os valores do Evangelho, que transformem o País em uma nação mais fraterna e menos desigual, mais justa e cristã.

Jundiáí, 14 de setembro de 1998

Dom Amaury Castanho

Bispo Diocesano de Jundiáí